

**ROTEIRO DE VISITA GUIADA:  
“Desterro dos negros escravos e libertos – século XIX”**

**TOUR ITINERARY:  
“Desterro of slaves and freedmen – 19th century”**

**Joseane Zimmermann Vidal<sup>1</sup>**

**RESUMO**

Neste texto relatarei uma experiência didática realizada com turmas de sétima série, da rede municipal de Ensino de Florianópolis, no segundo semestre de 2011. O tema *Desterro dos negros escravos e libertos – século XIX* foi escolhido a partir da história da escravidão no Brasil, elencado na matriz curricular. A elaboração do roteiro de visita guiada integra o Programa Santa Afro Catarina, com o objetivo de desenvolver ações de educação patrimonial, levando em conta a presença africana em Santa Catarina. Com os textos e documentos selecionados, foi possível construir uma memória da cidade focada nas atividades cotidianas dos negros escravos e libertos.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Escravidão. Florianópolis.

**ABSTRACT**

This paper will report an experiment conducted with groups of teaching seventh grade in the municipal school of Florianópolis in the second half of 2011. The theme *Desterro of slaves and freedmen - the 19th century* was chosen from the history of slavery in Brazil part listed in the curriculum. The preparation of the road map tour was built along with the Program Afro Santa Catarina in order to develop actions to heritage education in light of the African presence in Santa Catarina. With texts and selected documents was possible to construct a memory of the city focused on the daily activities of slaves and freedmen.

**Keywords:** History Teaching. Slavery. Florianópolis.

A História escolar da escravidão em Desterro, atual cidade de Florianópolis, é o tema deste texto. Pretendo relatar aqui o trabalho realizado no segundo semestre de 2011, na disciplina de História, com três turmas de sétimas séries da Escola Básica Municipal Doutor Paulo Fontes, em Santo Antônio de Lisboa. A escolha pelo tema não foi

---

<sup>1</sup> Professora da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [joseanezim@gmail.com](mailto:joseanezim@gmail.com).

aleatória. A matriz curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis tem como referência a História do Brasil a partir da qual estabelecemos relações com diferentes espaços, o que nos permite trabalhar tanto a história da Europa quanto a de Desterro (Florianópolis). O foco do meu trabalho era fazer uma saída de estudos com as três turmas de sétima série para o centro histórico de Florianópolis, para isso era necessário elaborar um roteiro de visita a alguns lugares relacionados à história da população negra – espaços de experiências cotidianas de negros escravos e libertos, na Desterro do século XIX.

Comecei uma seleção dos materiais e o planejamento das aulas sobre a escravidão em Santa Catarina, especialmente sobre a Desterro no século XIX. A participação no Programa de Extensão Santa Afro Catarina foi fundamental para o trabalho, já que a ideia era desenvolver ações de educação patrimonial que aproveitassem o conhecimento historiográfico recém-produzido e respondessem às novas demandas sociais através de projetos de valorização e difusão do patrimônio histórico e cultural gerado pela presença africana em Santa Catarina<sup>2</sup>.

Entre as atividades do Programa, o objetivo principal era utilizar os roteiros de visita sobre a história dos africanos e afrodescendentes em Santa Catarina que já estavam disponíveis. Os roteiros foram produzidos no primeiro semestre de 2011 por alunos do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que cursaram a disciplina Laboratório de Ensino em História Social do Trabalho e da Cultura. Mas, até chegar lá, foi uma caminhada...

Optei por construir uma memória da cidade a partir das atividades cotidianas dos negros escravos e libertos, que circulavam pela Desterro do século XIX, articulando patrimônio e história local. A definição do roteiro de visita foi minha primeira tarefa. Que caminho percorrer? Que lugares eu considerava importantes nesse momento? Que materiais tinha à disposição para organizar o trabalho? O que os alunos sabiam sobre a população negra em Desterro?

---

<sup>2</sup>A este respeito sugere-se consultar o blog do Programa de Extensão Santa Afro Catarina disponível em: <<http://santaafrocatarina.blogspot.com/>>

As noções sobre escravidão que os alunos traziam estavam restritas ao mercado de escravos e aos castigos físicos e a discussão sobre os afrodescendentes nos dias de hoje restringe-se ao preconceito. No entanto, os alunos não estabelecem relações efetivas entre passado e presente. Foi quando levei uma seleção de imagens de Debret e Rugendas para que eles observassem. As imagens que mais chamaram a atenção foram as ‘diferentes’ de tudo que já tinham visto e revisto nos livros. Principalmente aquelas que se referiam aos escravos urbanos, à família e às festas. Logo os alunos perceberam que havia outras formas de os escravos viverem o cotidiano. E foram essas experiências dos negros em Desterro que passaram a ser o assunto das aulas de História.

Para situar a escravidão africana na Ilha de Santa Catarina, adaptei o texto de Beatriz Mamigoniam (2006) para leitura e discussão com os alunos. “Quantos eram e de onde vinham os africanos trazidos para Santa Catarina?” A questão, proposta pela autora, definiu o que foi considerado fundamental no texto didático, que tem apenas uma página. Beatriz Mamigoniam estabelece três fases de ocupação da Ilha de Santa Catarina e do litoral próximo, situando nessa ocupação a mão-de-obra escrava utilizada em cada período. O texto nos deu indícios sobre diferentes etnias a partir das quais localizamos, num mapa<sup>3</sup>, a origem dos escravos africanos na travessia do Atlântico ao Brasil. Neste ponto trabalhei o contexto da escravidão na África, com o apoio do livro didático História Temática (2009, p. 203-204), e os conceitos de etnia e cultura. As aulas foram um ir e vir incessante, interligando constantemente a história local com a geral, pois o rumo era definido pelas questões que iam aparecendo, tanto as dos alunos quanto as minhas.

A litografia de Joseph Bruggemann, de 1867 – *Procissão no Largo da Matriz* –, foi a imagem escolhida para dar início a construção de uma memória sobre a Desterro do século XIX. No Largo da Matriz (atual Praça XV) circulavam os sujeitos que habitavam a cidade. Apesar de a imagem representar a procissão de Senhor dos Passos, ela situa muitos dos lugares que depois estariam no nosso roteiro de visita e para onde alguns

---

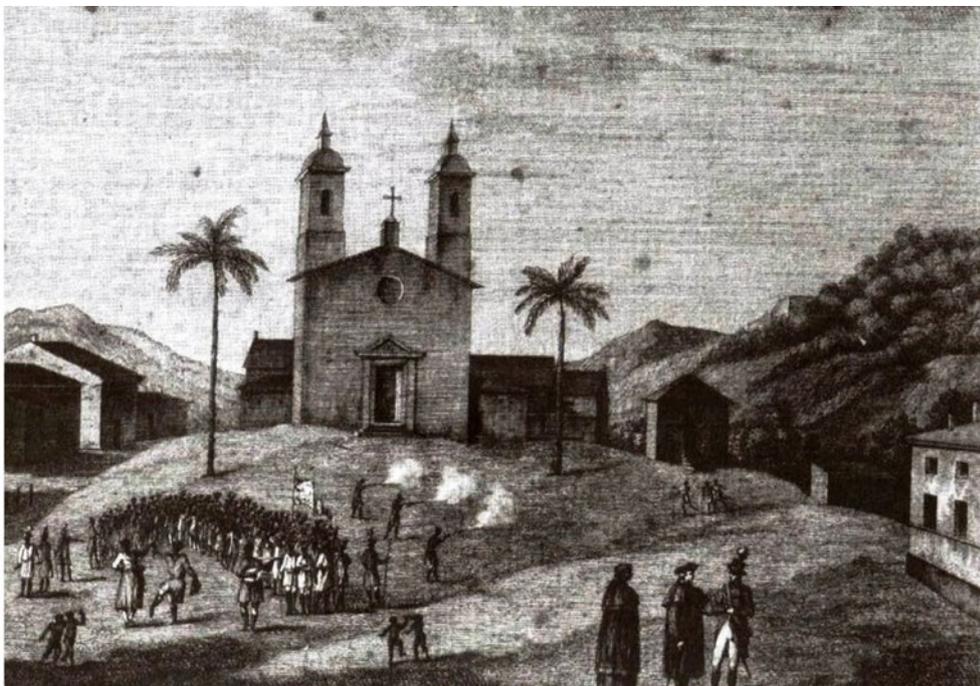
<sup>3</sup> O mapa utilizado encontra-se em Arruda (1998, p. 38).

textos e documentos que eu tinha em mãos levavam. Os batismos dos africanos novos, que eram realizados na Igreja Matriz; as feiras de gêneros alimentícios, peixe e carne, no Largo da Matriz; as licenças para venda de alimentos e recolhimento de impostos, no prédio da Câmara, eram algumas das atividades realizadas nesses espaços.



Joseph Bruggemann. *Procissão no Largo da Matriz (1867)*. Fonte: Casa da Memória.

Junto com a imagem, identificamos no mapa *Desterro em 1819* (VEIGA, 2008, mapa 6) algumas ruas e prédios antigos. O mapa representa as ruas, construídas a partir do Largo da Matriz com seus nomes antigos, que depois foram relacionados com os atuais e cujas placas foram identificadas durante o roteiro de visita.



WILHELM GOTTLIEB VON TILESIIUS VON TILENAU (1769-1857): *Festa de negros na Ilha de Santa Catarina (1803)*.  
Fonte: CORRÊA, Carlos Humberto P. *História de Florianópolis - Ilustrada*. Florianópolis, Editora Insular, 2004, p. 125.

A imagem acima se refere ao mesmo espaço, no início do século XIX, representando a festa de coroação dos reis negros, e foi analisada junto com um relato de G. Von Langsdorf, naturalista alemão que esteve na ilha em 1804. Nessa imagem, os alunos puderam identificar as pessoas, suas vestimentas e as relações com o espaço representado. Langsdorf relata as festas de escravos que presenciou em Desterro:

Tivemos o prazer de festejar aqui o ano novo de 1804 e participar das iguarias que são preparadas para esta ocasião. Os escravos negros, presos energeticamente ao trabalho durante todo o ano, recebem nestas festas de ano novo, apenas por alguns dias, a sua liberdade. Divertem-se então à sua maneira, praticando durante esta época suas danças nativas [...] Encontrei com facilidade o terreiro de danças no centro da vila, pois o som da música e os gritos dos dançantes ecoava à distância [...] O objeto principal de tais danças consiste na representação de atos comuns da vida, por exemplo, da pesca, caça, guerra, etc. (GERLACH, 2010, p. 95)

A utilização de documentos em sala de aula foi feita a partir das leituras sobre Educação Histórica, especialmente do livro de Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli onde as autoras colocam que o documento “permite o diálogo do aluno com realidades passadas e desenvolve o sentido da análise histórica” (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 117). Primeiro, analisamos os documentos em relação a: tipo de fonte; sua natureza; data e autor; o que ele diz; quais leituras podemos fazer dele, com o objetivo de “superar a compreensão de que ele (o documento) serve apenas como ilustração da narrativa histórica e de sua exposição, de seu discurso” (SCHMIDT; CAINELLI, p. 116). Algumas questões nortearam o trabalho: Qual a visão dos autores sobre a vida dos negros em Desterro? Quais as atividades cotidianas que podemos identificar nos documentos? Para que os alunos pudessem compreender melhor as práticas cotidianas dos escravos e libertos, em Desterro, retomamos os conceitos de etnia e cultura.

A análise destes documentos levou-nos ao texto sobre a Irmandade Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (MORTARI; CARDOSO, 1999). Depois de adaptado por mim, o texto foi lido pelos alunos que, ao final, responderam questões de compreensão de texto

relacionadas à importância da irmandade, suas funções e o significado das festas e da morte. Antes disso, retomamos os conceitos de etnia e cultura para que pudessem compreender melhor as práticas cotidianas dos escravos e libertos em Desterro.

O trabalho foi realizado a partir de vários documentos – reproduções de gravuras, litografias, fotografias, pinturas, mapas, relatos de viajantes e textos de historiadores adaptados para as turmas. Os documentos foram utilizados de diferentes modos, envolvendo estratégias diversas, de acordo com os objetivos a serem atingidos (SCHMIDT; CAINELLI, 2009).

O olhar de estranhamento representado nas imagens e relatos dos viajantes estrangeiros são fontes riquíssimas sobre as atividades cotidianas na Ilha. Entre os viajantes estrangeiros, que aportaram na Ilha de Santa Catarina, no século XIX, utilizei relatos e imagens de G. Von Langsdorf (1804), naturalista alemão, e Louis Choris (1815)<sup>4</sup>. Os documentos foram trabalhados junto com os textos dos roteiros sobre cada lugar (que também apresentam referências a diversos documentos da época) com o objetivo de identificar **os sujeitos nas suas diversas atividades cotidianas**. Os sujeitos e suas ações foram trazidos à memória durante a realização do roteiro de visita aos espaços por onde circulavam.

O roteiro “A Desterro dos negros escravos e libertos – século XIX” foi construído a partir de dois outros roteiros desenvolvidos no, já citado, Programa Santa Afro Catarina:

#### **Devoção ao Rosário e Festas de Africanos na Ilha**

O roteiro apresenta aspectos da religiosidade e da cultura afro-brasileira através da história da Irmandade do Rosário de Florianópolis e dos registros de batuques na cidade. Acompanha as transformações do uso do espaço público para manifestações culturais de afrodescendentes, alvo de sucessivas proibições e repressão no século XIX<sup>5</sup>.

#### **Viver de Quitandas**

---

<sup>4</sup> Estas imagens e relatos podem ser encontrados em Gerlach (2010, p. 95, 125 e 129).

<sup>5</sup> Roteiro elaborado por Felipe Werner, Jaime José dos Santos e Marie-Eve St-Onge.

O roteiro associa a paisagem urbana de Desterro às de outras freguesias da Ilha de Santa Catarina e do litoral adjacente ao abordar o abastecimento e a produção de gêneros alimentícios. O porto, a antiga Praça de Mercado e as ruas de Desterro emergem como locais de trabalho e de sociabilidade para muitos escravos e libertos, homens e mulheres de origem africana, que desempenham atividades relacionadas ao comércio de gêneros alimentícios produzidos na Ilha e no litoral adjacente<sup>6</sup>.

Na elaboração do roteiro foi considerado o tempo que teríamos (em torno de 1h30m) e o tema, relacionado à religiosidade e ao comércio. Nesse roteiro foram utilizados os mesmos textos dos roteiros originais, com algumas adaptações, considerando o que foi trabalhado em sala de aula. Fizemos uma leitura sobre cada lugar relacionando-os com o que já tínhamos trabalhado nos textos e documentos, além de localizá-los, por ordem de visita, no mapa da área central de Florianópolis, do período de 1944 e 1951<sup>7</sup>, quando ainda não havia aterro, para que pudessem imaginar a cidade bem próxima ao mar.

O roteiro de visita ao centro de Florianópolis foi realizado com três turmas de sétimas séries, em dias e turnos diferentes, junto com a professora de Geografia, Terezinha Henckemeier, e tendo por guias os acadêmicos de História da UFSC, Miriam Karla Machado e Felipe Werner<sup>8</sup>, integrantes do Programa Santa Afro Catarina. O roteiro começou na **Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito** e terminou no **Cemitério Público Municipal** – atual Parque da Luz.

Na primeira saída começamos pela Catedral – **Igreja Matriz**– e nas outras, pela **Igreja do Rosário**, pois esse percurso permite diminuir o tempo do roteiro. Pela tarde, a **Igreja do Rosário** está aberta, então puderam entrar nela pela primeira vez, com direito a fazer um pedido. Foram inúmeras as perguntas feitas ao guia a partir da arquitetura, dos objetos, imagens e vestígios das ações do tempo sobre a construção. É

---

<sup>6</sup>Roteiro elaborado por Cássila Pessoa Cavaler de Mello, Maysa Espíndola Souza e Dalton Lopes Reis Júnior.

<sup>7</sup> Refiro-me ao mapa 19 que se encontra em Veiga (2008).

<sup>8</sup> As visitas guiadas temáticas integram as atividades do Programa Santa Afro Catarina.

importante ressaltar que a Catedral em reforma também suscitou inúmeras perguntas sobre restauro e arquitetura.

A Praça XV, hoje, já não apresenta nenhum traço do que um dia foi o **Largo da Matriz**, mas permite localizar outros espaços em torno, que foram motivo de interesse e estranhamento. A **Casa da Câmara e Cadeia** (atual Palácio Dias Velho), o comércio da **Rua Augusta** (atual João Pinto), local onde foi construído o **Primeiro Mercado Público**. Ali, paramos para apreciar o monumento ao Miramar (1928-1974), trapiche com bar para embarque e desembarque de passageiros. Atualmente, existe uma linha azul pintada no chão, que faz referência ao antigo limite entre a terra e o mar. Apesar de estar fora do roteiro, o desenho no chão foi bastante significativo para os alunos, e difícil de imaginar a cidade sem o aterro. Muitos concluíram que devia ser mais bonita. Um pouco além, no terreno da Caixa Econômica, onde hoje é um estacionamento, situava-se a primeira **Alfândega**, bem próxima ao local onde mais tarde foi construída a segunda, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), em 1975.

Nosso roteiro incluiu uma parada para lanche no vão central do **Segundo Mercado Público**. Dali, seguimos pela **Rua do Príncipe**, atual Conselheiro Mafra, e fomos até a Igreja de **Nossa Senhora do Parto**, uma igreja pequena, motivo de muita atenção por parte dos alunos para compreenderem a relação com a **Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito**. Por fim, dirigimo-nos ao Parque da Luz, antigo **Cemitério Público Municipal**. Difícil acreditar que ali pudesse ter existido um cemitério, não fosse pelas fotografias antigas...

Depois da saída de estudo, pedi aos alunos e alunas que escrevessem uma carta para alguém – real ou imaginário – de outra cidade, falando sobre o patrimônio histórico de Florianópolis. As descobertas sobre a cidade ficaram evidentes nas narrativas dos alunos e alunas, como é o caso de Júlia, que escreveu:

No largo da matriz os escravos comemoravam suas crenças como a festa de coroação dos reis negros. Lá eu estava falando para a professora que quase todo dia eu passava por

lá e nem notei estes lugares, menos a praça XV. Lá no largo era onde os escravos dançavam, comemoravam e vendiam. Lá foi muito legal porque eu descobri o que é aquela linha azul no meio do centro e aqueles desenhos de ondas depois da linha. Lá já era o mar. Hoje em dia o mar tá bem distante daquele ponto. Tudo lá tá tão diferente! Eu não sabia que o centro já tinha sido um lugar mais bonito.

As descobertas sobre a cidade extrapolaram os objetivos do roteiro. À medida que caminhavam pelas ruas e visitavam os lugares, muitas questões eram colocadas pelos alunos e alunas. As perguntas e afirmações nem sempre estavam relacionadas ao tema abordado, mas todas eram importantes para a compreensão da cidade a partir do significado que cada um atribui ao espaço que está sendo vivenciado. As experiências de cada sujeito com a cidade consolidam os lugares da memória, que não são os mesmos para todos, mas que são construídos a partir de múltiplas identidades.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, J. J. de. **Atlas Histórico Básico**. 16. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CABRINI, C.; CATELLI, R.; MONTELLATO, A. **História Temática**. 4. ed. 6. ano. São Paulo: Scipione, 2009.

GERLACH, G. **Desterro**: Ilha de Santa Catarina. Tomo I. Florianópolis: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2010.

MAMIGONIAN, B. G. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica (1750-1850). In: FRAGOSO, João (Org.). **Nas Rotas do Império**: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português. EDUFES/IICT, Ilha de Vitória, 2006, p. 609 - 643.

MORTARI, C.; CARDOSO, P. de J. Territórios negros em Florianópolis no século XX. In: BRANCHER, A. (Org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999, p. 86-91.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2009.

VEIGA, E. V. da. **Memória Urbana**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008.

*Recebido em 28/09/2011*

*Aprovado em 30/11/2011*